

*Isidoro Mazzarolo**

A vocação de Paulo Segundo Gl 1,11-2,10

The vocation of Paul according to Gl 1,11-2,10

Resumo

A vocação de Paulo é um fenômeno que transcende as regras comuns da racionalidade humana. É impossível compreender a vocação de Paulo sem imaginar a ação de Deus na vida de um ser humano e sua ingerência de modo extraordinário. É uma das poucas exceções que a história da humanidade nos reserva: de perseguidor a arauto da misericórdia, da justiça, da liberdade e do amor. A sua infância no mundo helênico lhe fizeram compreender que a morte fere a vida e que nenhum argumento humano pode ser considerado tão absoluto ao nível de eliminar uma vida e, tanto menos, por argumentos religiosos. Paulo escreve, fala, explicita e dá seu próprio testemunho que o Deus de Jesus Cristo é o Deus da vida, misericórdia, do amor e do perdão, mas quer a participação do ser humano na sua forma integral: de corpo e alma.

Palavras-chave: Vocação; mudança; liberdade; compromisso; seguimento.

Abstract

The vocation of Paul is a phenomenon that transcends the ordinary rules of human rationality. It is impossible to understand the vocation of Paul without imagining the action of God in the life of a human being and its interference in an extraordinary way. It is one of the few exceptions that the history of humanity holds for us: from tracker to the harbinger of mercy, justice, freedom and love. His childhood in the Hellenic world did his understand that death hurts life and no human case can be regarded as absolute in terms of eliminating a life, and much less by religious arguments. Paul writes, speaks explicitly and gives his own witness that the God of Jesus Christ is the God of life, mercy, love and forgiveness, but He wants the participation of human beings in their entirety: body and soul

Keywords: Vocation; Change; Freedom; Commitment; Follow-up.

* PUC-Rio,,mazzarolo.isidoro@gmail.com, www.mazzarolo.pro.br, Lattes: 6728608103744343

Introdução

A narrativa da vocação de Paulo no texto de Gl 1,11-2,10 tem uma textura apologética, especialmente no confronto do judaísmo conservador. A vida e a mudança de rota de um judeu perseguidor do cristianismo servem de parâmetro e guia para seus opositores judeus. Para Paulo ficava difícil acreditar que poucos judeus acolhessem o seu testemunho. Em sua vida havia um *antes* e um *depois*. Ele diria: *antes*, quando eu era como vocês, pensava e agia como vocês eu era até melhor da grande maioria (1,14), mas, *depois*, quando eu tive a visão no caminho para Damasco, as coisas mudaram e é essa mudança que eu quero testemunhar a vocês.

Essa narrativa, espécie de pequena autobiografia, tinha também outra finalidade que era sustentar a teologia da liberdade, da autonomia e da autoridade de Paulo em relação ao judaísmo e ao cristianismo, como bem atesta: “Porventura, não sou eu livre? Não sou apóstolo? Não vi Jesus, nosso Senhor” (1Co 9,1)?!

No contexto da carta, essa narrativa está imediatamente após a veemente parênese em torno do abandono do Evangelho de Jesus Cristo, por ele anunciado, para retornar aos velhos ritos da circuncisão (1,6-10). Na verdade eles queriam adulterar o Evangelho de Jesus mesclando preconceitos religiosos judaicos.

Paulo não era um homem de meias medidas, mas, dotado de um temperamento forte, audaz e decidido. Seria impossível que, estando primeiro do lado dos judeus conservadores como uma grande promessa de liderança, ao passar para o lado dos cristãos perseguidos, não arranjasse uma legião de inimigos, inclusive do lado cristão, pois havia ciumentos, fofoqueiros e invejosos das capacidades e qualidades dele como evangelizador. Não obstante sua autoridade e conhecimento do judaísmo, do helenismo e do romanismo muitos cristãos, oriundos do judaísmo, não aceitavam a flexibilização dos ritos, fórmulas e costumes judaicos em detrimento da liberdade cristã (5,1).

Paulo absorveu de modo ímpar os ensinamentos de Jesus e entendeu que todos os elementos culturais judaicos não contribuíam para o Evangelho. Jesus não legislou sobre a circuncisão, sobre o puro e o impuro (Mc 7,14-23), sobre doentes (Mc 7,24-37), acerca de preconceitos divinos sobre doenças e desgraças (Jo 9,1-12), sobre jejuns (Mc 2,18-2); de tudo isso Jesus se manteve incólume e Paulo seguiu o mesmo caminho. Ele entendeu, assumiu e anunciou que Jesus Cristo

não era um remendo novo no vestido velho do judaísmo, mas, era uma veste totalmente nova (Mc 2,21-22). Foi por causa dessa liberdade no Evangelho que ele teve que enfrentar opositores de ambos os lados. Além disso, precisou enfrentar e justificar diante dos fiscais da fé de Jerusalém, representados por Tiago e Pedro (At 15,1-35), que os elementos culturais judaicos não faziam parte do Evangelho. Assim, da parte dos judeus ele era considerado traidor e da parte dos cristãos era considerado excessivamente liberal. Paulo e o Evangelho se identificavam e atacar um era também ofender o outro e vice versa. Por isso, quando teve que ir a Jerusalém defender-se (At 15,1-2) ele estava também defendendo o Evangelho.

O autorretrato de sua conduta no judaísmo e a vocação 1,11-14

¹¹Faço-vos conhecer, irmãos, que o Evangelho que foi por mim anunciado não é segundo o homem; ¹²nem o recebi, nem aprendi de algum homem, mas pela revelação de Jesus Cristo. ¹³Ouvistes, pois, a respeito de minha conduta quando estava no judaísmo, do modo como perseguia sobremaneira a igreja de Deus e a assolava; ¹⁴e sobressaía no judaísmo acima de muitos conterrâneos da minha geração, sendo extremamente zeloso nas tradições de meus pais (Gl 1.11-14).

Paulo precisa enfatizar a própria vocação: não vem segundo o homem, nem vontade de homem algum e nem depende de homem (cf. 1,1; 11). Ele não conviveu com Jesus, mesmo que possa tê-lo conhecido, pois estava em Jerusalém nos dias em que ele ensinava no templo e depois foi crucificado. O Evangelho que anunciava não o tinha recebido de algum discípulo ou apóstolo. Sua missão não dependia de uma ordem ou embaixada humana e por isso não tinha a preocupação de agradar a todos os homens, mas, de revestir sua tarefa com toda a autoridade divina. Se a autoridade da vocação não era humana, logo a obediência não é aos homens, mas, ao que determinou essa missão. No entanto, esse argumento não era aceito pela maioria dos judeus e, em grande parte, pelos notáveis de Jerusalém (2,2).

Paulo insistia na sua autoridade e legitimidade na missão, mas, devido aos opositores e a todos os que rejeitavam o seu trabalho, tinha que fazer uso da memória e recordar aos leitores a primeira fase de sua vida fazendo uma pequena autobiografia do seu passado no judaísmo (1,11-21). “Em primeiro lugar, faço-vos conhecer que aquilo que estou anunciando”:

Não é segundo o homem;
não vem da vontade do homem;
não recebi de um homem;
mas pela revelação de Jesus Cristo (Gl....).

Na perícopes anterior (1,6-10), Paulo deixou claro que existe um só Cristo e, por consequência, não podia haver dois Evangelhos¹ (NÚÑEZ REGODON, 2002, p. 67). Não era fácil defender as comunidades diante dos ataques dos perturbadores que queriam perverter o Evangelho. O questionamento que eles levantavam era sobre a autoridade do Evangelho de Paulo. A revelação de Jesus seria uma garantia para assegurar que não era algo inventado ou diferente daquele que os outros discípulos estavam anunciando? Paulo responde que Jesus Cristo é um só e de igual modo o seu Evangelho. O que diferenciava era a forma como Paulo recebeu essa missão, pois, enquanto os outros tinham recebido de forma humana, no contato pessoal com Jesus, ele o recebera através da revelação (At 9,1-18). A vocação de Paulo não dependeu de qualquer mediação humana e caracterizou-se, fundamentalmente, pela abertura aos gentios os quais, no novo plano de salvação, não dependiam mais das mediações da aliança ou da lei².

Paulo começa dizendo: *faço-vos conhecer, irmãos* (1,11), no intuito de chamar atenção para algo muito importante a ser considerado. Ele queria mostrar como tinha sido sua fase *antes* da visão que teve no caminho de Damasco. Essa fase lhe outorgava autoridade para falar a quem estava na mesma situação dele, nesse antes da conversão. No judaísmo destacava-se entre todos os seus companheiros (1,14) e, depois, no cristianismo crescia mais e mais (At 9,22) destacando-se em qualidades humanas, capacidades intelectuais e forma de vida de fé.

A revelação e a missão aos gentios: por mais que Paulo explicasse a forma de sua vocação e missão, era bastante complexo aos da “instituição” de Jerusalém, Tiago e Cefas, para aceitar essa revelação. Uma prova da autenticidade é a confissão que ele faz dos tempos em que colocava todas as suas energias na defesa do judaísmo (1,13-14) e que,

¹ O autor cita (MORLAND, 2002, p. 142-143), na nota 79 o qual afirma que Paulo estaria fazendo um jogo literário intencional ao afirmar primeiramente que se trata de *outro evangelho* (1,6b) e depois acrescenta que não existe *outro* (1,7a).

² NÚÑEZ REGODÓN, J., *Idem*, p. 67, citando VERSEPUT, D. J., “Paul’s Gentile Mission and the Jewish Christian Community. A Study of the Narrativa in Galatians 1 and 2”, *NTS* 39 (1993) 36-58, pp. 38-39, quien pinesa que Gál 1,13-20 es el desarrollo de solo Gál 1,11 y no 1,12.

depois do encontro com o Ressuscitado, tudo se tornou esterco (Fl 3,8). Não sabemos se os responsáveis pela igreja de Jerusalém tinham todas as informações a respeito da visão que ele recebeu no caminho para Damasco (At 9,1-19). A pregação na Galácia seguia os passos e o método que ele utilizava em todos os lugares: não se tratava de apostar na circuncisão, mas na confissão de que Jesus Cristo era Senhor. Essa separação clara e o distanciamento do judaísmo tornavam muito difícil, para o Apóstolo, ganhar crédito diante dos cristãos de origem judaica, já que o consideravam um traidor das tradições dos antepassados.

Os agitadores da Galácia aproveitavam esse argumento de que a vocação e o evangelho não vinham de pessoa humana, além dessa *independência dele dos notáveis de Jerusalém*, para combater sua autoridade no Evangelho e anunciar o Evangelho da circuncisão (MATERA, 1992, p.54). Defendendo-se dos seus opositores, Paulo afirma a legitimidade da missão através da revelação e, de modo direto, de Jesus Cristo. Esse argumento servia para dar maior autoridade a ele do que aos outros, visto que ele foi alcançado pela graça de Deus (1Cor 15,8), que o transformou de um “abortivo” no maior dos apóstolos. Assim, ele recebeu a mensagem pela graça e não pela relação humana com os que eram apóstolos instituídos por Jesus e que representavam a autoridade da igreja nascente.

O conflito de autoridade legitimada pela instituição, representada por Tiago e Pedro, não é uma exclusividade de Paulo. Quando Jesus faz a leitura do livro do profeta Isaías na sinagoga de Nazaré (Is 61,1-2): “O Espírito do Senhor está sobre mim e ele me ungiu para evangelizar os pobres e enviou-me para proclamar a remissão aos presos...” e, em seguida, afirmou que essa profecia estava se cumprindo com Ele naquele momento, os que estavam na sinagoga se admiraram, num primeiro momento, mas, depois reagiram de modo intempestivo, expulsando-o dela (Lc 4,18-19.28-30). Outro episódio semelhante aconteceu com os discípulos de Jesus que, ao encontrar um homem o qual, em nome de Jesus, expulsava demônios, mas não os seguia, tentaram proibi-lo de continuar utilizando o nome de Jesus, sem autorização deles. A lição que emerge desse conflito é a reação das instituições quando se sentem ameaçadas pela liberdade do Espírito do Senhor. A autoridade tende sempre a manter a ortodoxia, mas, muitas vezes torna-se um obstáculo às manifestações do Espírito.

A revelação que Paulo recebe de modo direto de Jesus Cristo pode ser questionada, investigada e examinada, mas não pode ser negada. A

verdade sobre a revelação não está nas palavras ou no discurso, por isso ele insiste que não depende do homem, da vontade do homem e nem do ensinamento humano, mas de Deus. Vanhoye (2000, p. 41) afirma que esse é um dos argumentos fortes de Paulo: na origem do Evangelho de Paulo está excluída a origem humana. À Revelação corresponde à expressão grega “*apokalypsis*”, que é algo relacionado à intervenção divina, não podendo ser controlado ou manipulado pelo humano.

O efeito dessa intervenção divina na revelação de Jesus e do seu Evangelho é a transformação que ela produziu em sua vida, de modo que ele tinha certeza de que Deus coopera com aqueles que o amam (Rm 8,28) e que nada poderia separar alguém que ama a Deus??? do amor de Cristo (Rm 8,35). Por isso, recorria à sua vida no judaísmo mostrando e evidenciando esse amor nele, mas sem a graça de Deus, essa passagem do estágio de vida no judaísmo para o cristianismo seria quase impossível (1,15). Nesse contexto, ele se auto definia como um abortivo (1Cor 15,8), ou seja, considerava-se nascido morto para a fé, mas a graça o resgatou da morte, por isso: “não consultei nem carne, nem sangue; não fui a Jerusalém!” (Gl....).

Há, aqui, uma semelhança entre a “vocação de Jesus” (Lc 4,18-19) e a vocação de Paulo. Ao assumir, pessoalmente, uma profecia de Isaías (Is 61,1-2), Jesus sentiu-se ungido pelo Espírito do Senhor e não pelo sumo sacerdote no templo. Paulo, a partir da visão, sente-se comissionado a anunciar o Evangelho a todas as pessoas e, de modo especial, aos gentios. Gentios eram todos os que não pertenciam ao judaísmo. A vocação independente e nesse estilo gerava conflitos de autoridade (1Cor 9,1).

A vocação, missão na Arábia e retorno a Jerusalém 1,15-24

¹⁵Quando, pois, houve por bem Deus, que me separou desde o ventre de minha mãe e me chamou pela sua graça, ¹⁶revelar seu Filho em mim, a fim de que eu o anunciasse aos gentios. Imediatamente, sem consultar a carne, nem sangue, ¹⁷nem subi a Jerusalém para junto dos que antes de mim eram apóstolos, mas fui para a Arábia e depois ainda voltei para Damasco. ¹⁸Em seguida, depois de três anos, subi a Jerusalém para visitar Cefas e fiquei com ele quinze dias. ¹⁹Não vi nenhum outro apóstolo a não ser Tiago, o irmão do Senhor. ²⁰Isto vos escrevo e asseguro diante de Deus que não minto. ²¹Depois disso, fui para as regiões da Síria e da Cilícia. ²²Eu era desconhecido das igrejas da Judeia que (estavam) em Cristo; ²³somente ouviam dizer: “Aquele que uma vez nos perseguia agora anuncia a fé que antes destruíra”. ²⁴E glorificavam a Deus, em mim (Gl ...).

O roteiro de viagem: De Damasco (1,15) foi à Arábia; da Arábia retornou a Damasco (1,18) e de lá decidiu fazer a visita aos discípulos de Jerusalém. Esse tempo durou três anos. Depois foi para a Síria e Cilícia (1,21). Ele passou pela Síria, mas, estabeleceu-se na terra da infância na cidade de Tarso (At 9,30). Paulo deve ter passado esses três anos na Arábia iniciando os primeiros passos de seu exílio para sobreviver do ódio dos seus irmãos de sangue que não aceitavam a sua passagem para o cristianismo. Quando acreditou que esse rancor teria diminuído decidiu visitar os discípulos em Jerusalém e dar seu testemunho diante dos judeus, mas, nem judeus e nem cristãos acreditavam nele (At 9,26).

O v. 15 evoca a vocação profética: “antes mesmo de te formar no ventre materno, eu te conheci, te consagrei e te constituí para ser profeta entre as nações” (cf. Jr 1,5; cf. Is 49,1) para afirmar o seu chamado como um chamado desde o ventre, ainda que o tempo de espera possa ser desconhecido ao ser humano. É a sabedoria divina que pode ser confrontada com o “não saber” humano. Os profetas se sentiam pré-destinados por Deus para as suas missões e assistidos por Deus, com sua graça, diante dos conflitos, das perseguições e dificuldades. Muitas vezes os profetas sentiam que essa vocação era certa “sedução” de Deus, em virtude dos paradoxos da própria missão: “Seduziste-me, Senhor, e eu me deixei seduzir...” (Jr 20,7-18). Mesmo assim, Paulo não fala que Deus o tenha chamado antes do seu nascimento, pois ele se considerava uma vocação tardia, especialmente em relação aos apóstolos. O assinalado em verde neste parágrafo não indicaria uma contradição?

Diferentemente dos profetas veterotestamentários, os quais sempre atuaram dentro de Israel, Paulo se sente chamado para ser apóstolo e profeta dos gentios e dos judeus longe da Palestina, o que implicava em um movimento radicalmente para fora, realmente entre as nações (Gl 1,16; Rm 11,33; At 13,2-3). Os profetas, geralmente, atuavam de modo interno, dentro de seus ambientes, enquanto Paulo vai percorrer uma quantidade, quase incontável, de cidades e regiões.

A revelação de Deus a Paulo, na sua vocação, pode ser comparada a dos antigos profetas; no entanto, ele tem um privilégio a mais: a revelação do Filho de Deus, bem próximo??? à abertura do texto aos Hebreus: “Deus falou, outrora, de muitos modos e em muitos lugares aos pais pelos profetas, mas agora falou a nós pelo Filho” (cf. Hb 1,1-2). Paulo ouviu a voz do Filho e dele também a missão a cumprir. E Deus lhe fez essa revelação do seu Filho para que ele o levasse às nações, justificando, assim, a finalidade precípua de sua missão. Por ser uma

convocação por revelação, ele não consultou nem a carne nem o sangue, isto é, os líderes que eram os apóstolos (v. 16).

Paulo foi contemplado com um privilégio superior ao dos patriarcas e profetas: Moisés (Ex 19,1-20,21) recebeu como prova de sua proximidade com Deus, como líder do povo, as Tábuas da Lei contendo o Decálogo (Ex 20,1-17; Dt 5,6-2). Essa revelação da Lei divina marcou toda a história veterotestamentária e orientou a vocação dos profetas, que sempre trabalharam na relação direta entre a justiça social e a prática religiosa. Os profetas e os justos não viram a revelação máxima concedida, na plenitude dos tempos, aos apóstolos e discípulos:

Bem-aventurados os vossos olhos, porque veem, e os vossos ouvidos, porque ouvem. Em verdade vos digo que muitos profetas e justos desejaram ver o que vedes e não viram, e ouvir o que ouvís e não ouviram (Mt 13,16-17).

Deus não revelou a Paulo uma Lei, um Mandamento ou Norma, mas o seu Filho (1,16), e essa manifestação se constituiu na especificidade diferencial do Apóstolo em relação aos profetas e patriarcas. O Filho, por sua vez, revelou o Pai, Sua vontade e Seu projeto. Jesus afirmava que os seus discípulos não eram mais servos, mas, amigos, porque aos amigos é dado conhecer toda a verdade e a profundidade dos mistérios divinos e, ao mesmo tempo, a grandeza e responsabilidade da missão (Jo 15,15).

A missão na Arábia e a lacuna no livro dos Atos

Os vv. 16-17 mostram que Paulo, após sua rápida estada em Damasco e os perigos diante dos inimigos, teve que fugir para uma região inóspita, a Arábia, sem ter tempo e nem condições de consultar a “carne e o sangue”, isto é, os discípulos de Jerusalém (At 19,19-25). Esse precioso relato não é reportado pelo livro dos Atos, mas, Paulo nos dá essa informação, que poderíamos considerar o seu primeiro exílio de três anos na Arábia, sem ter como contatar os apóstolos. Paulo teria sido o primeiro evangelizador da Arábia? Pelo conteúdo das informações, sim. Ele passa três anos, não exilado, mas num exílio missionário e teria aplicado cada momento desse tempo para anunciar e proclamar a revelação recebida no caminho para Damasco. Ele teria estado nas regiões de Petra e oeste da Arábia. Só após três anos de missão e testemunho ardoroso de Jesus Cristo, quando imaginou que o ódio contra ele seria menor, decidiu voltar a Damasco e de lá a Jerusalém (1,18; At

9,26). Os três primeiros anos da missão, na Arábia, foram realizados à luz exclusiva da revelação e o centro desse *kerygma* (anúncio) era Jesus ressuscitado.

Paulo não tinha esquecido a igreja de Jerusalém e aqueles e aquelas que ele tanto tinha perseguido, por isso decidiu fazer uma conexão com os que eram “apóstolos oficiais”. Ele tinha acompanhado os atos finais de Jesus e o seu processo, além de participar do começo das perseguições (MURPHY-O’CONNOR, ano, p. 34) . Retornando para Jerusalém não teve muitas alegrias, pois, de um lado estavam os cristãos desconfiados e do outro os irmãos de estirpe com ódio, acusando-o de traidor. A partir dessa nova fase de dificuldades, ele foi conduzido para sua terra natal, Tarso³ (At 22,3), onde passaria cerca de mais cinco anos (At 9,26-30) até ser chamado por Barnabé para a evangelização na Antioquia (At 11,25-26). Em sua terra natal será mais um longo tempo sem contato com os apóstolos de Jerusalém (1,18-19) e uma espécie de segundo exílio, mesmo que ele nunca deixasse de anunciar Jesus Cristo ressuscitado.

O grande impasse para Paulo era ter a sua missão aceita, porque todos olhavam para ele com desdém: para os judeus era um traidor e para os cristãos era um perseguidor disfarçado de apóstolo. Por isso, os quinze dias em que passou em Jerusalém em companhia de Cefas e Tiago, o irmão do Senhor, teriam sido suficientes para ele ter sua missão homologada? O seu testemunho parece ser muito claro, no entanto as concepções cristológicas e eclesiológicas seriam muito distintas. Pedro e Tiago compreendiam uma igreja muito mais próxima do judaísmo, enquanto Paulo a percebia muito mais próxima dos gentios (greco-romanos). Dessa forma, em Tarso, Paulo ensina um Cristo que envolve judeus e gentios sob o mesmo teto e a mesma herança das promessas. Deus fez a promessa a Abraão, enquanto pagão (Gn 12,1; Rm 4,1-3). Essa compreensão fazia com que os cristãos nas igrejas paulinas estivessem abertos, inclusivos e sem restrições ao diferente quanto aos aspectos culturais, étnicos e de gênero (3,28). Na prática tínhamos duas eclesiologias dentro de uma única cristologia.

A homologação da missão de Paulo vem por intermédio de um discípulo cipriota chamado Barnabé (At 4,36-37). Este já tinha sido um guia para Paulo em Jerusalém quando voltava da Arábia para encontrar-

³ Segundo estudos de J. Morphy-O’Connor (ano, p. 28), fundamentado em uma informação de São Jerônimo, Paulo teria nascido na vila da Gishala, na região da Galileia e depois migrado para Tarso, na Cilícia.

-se com os apóstolos (At 9,27). Mais tarde, os apóstolos de Jerusalém enviaram Barnabé à Antioquia para supervisionar a pregação nessa cidade (At 11,22). Ao chegar e ver que lá os discípulos não conseguiam persuadir os helenistas, Barnabé decidiu partir para Tarso em busca de Paulo (At 11,25).

De Damasco para o mundo

Depois da pregação em Damasco, Paulo teve que fugir para a Arábia, mas, lá não ficou em silêncio ou inerte. Iniciou um processo de evangelização antes que qualquer outro discípulo estivesse em Damasco e de lá rumou para Jerusalém. Mas, em vista das dificuldades de aceitação e os perigos que o envolviam pelo ódio dos judeus, seus compatriotas, foi aconselhado a retirar-se da cidade e retornar para sua terra de infância, Tarso, onde passou cerca de cinco anos pregando, antes de ser convidado por Barnabé (At 11,25) a fazer parte do rol dos discípulos.

Agora Paulo narra os efeitos de seu trabalho e sua primeira viagem missionária em terras pagãs, como Chipre, a Pisídia e a Panfília (1,21-24). O testemunho do Apóstolo aponta para a graça de Deus em sua vida, mais do que as suas capacidades próprias e conhecimentos humanos. Deus agiu nele e a graça não perdeu o seu efeito. Enquanto os de Jerusalém se preocupavam em batizar, ele se preocupava em evangelizar (1Cor 1,17; 9,16). Paulo ainda distinguia a função dos pedagogos e a dos pais no Evangelho. Quem apenas ensina algo torna-se um pedagogo, mas, quem gera no Evangelho se torna pai (1Cor 4,15).

Os vv. 22-23 evocam a obra de Deus na pessoa humana à semelhança da vocação profética: a transformação torna-se admiração, contestação e paradoxo. Quando Paulo se apresenta como arauto do Evangelho, encontra encantamento e rejeição, ao mesmo tempo. De um lado, estão aqueles que se admiram com a conversão e a mudança e, do outro, estão os desconfiados, os opositores e os inimigos que o consideram um traidor. Paulo precisava ter certeza de sua missão a fim de resistir a todas as pressões. Comparando com Jeremias, vemos que Paulo está muito próximo do profeta: “Eu te constituo sobre as nações e sobre os reinos para arrancar e destruir, para exterminar e demolir, mas também para construir e plantar” (Jr 1,10).

Sugestão editorial: dizer algo sobre citação a seguir “Vai, porque este homem é para mim um instrumento de escol para levar o meu

nome diante das nações pagãs, dos reis e dos filhos de Israel Eu mesmo lhe mostrarei quanto lhe é necessário sofrer em favor do meu nome” (At 9,15-16).

Paulo, com menor ou maior consciência, está palmilhando as vias proféticas, destinadas por Deus, desde o ventre materno, para reconstruir aquilo que destruía. Por isso, afirma que sendo desconhecido das igrejas da Judeia, causava encantamento e ao mesmo tempo estupefação: “... aquele que antes nos perseguia agora anuncia a fé que destruía” (1,23). Quem sustenta a vocação e a missão de Paulo é a graça de Deus, e, sem ela, é pouco provável que toda a sua obra chegasse a bom termo.

Paulo precisa justificar sua vocação e missão - razões da convocação do primeiro Concílio em Jerusalém 2,1-5

¹Depois, transcorridos quatorze anos, subi novamente a Jerusalém com Barnabé, levando junto também Tito. ²Subi, conforme uma revelação e expus-lhes o Evangelho que anuncio aos pagãos – de forma reservada⁴ aos notáveis – a fim de que de forma alguma corresse em vão ou tivesse corrido. ³Mas, nem Tito, que estava comigo, sendo grego, foi constrangido a circuncidar-se. ⁴Tudo isso aconteceu por causa dos falsos irmãos que se infiltraram para expiar a nossa liberdade que temos em Cristo a fim de nos acusar de dolo (contra o Evangelho), ⁵aos quais, nem por um momento (em nenhum momento), cedemos com sujeição, a fim de que a verdade do Evangelho permanecesse em vós. (Fonte)

É um pouco difícil estabelecer o sentido exato dessa data de quatorze anos. Essa contagem regressiva começaria com o evento de Damasco? Acompanhando o relato de Lucas, a assembleia de Jerusalém aconteceu logo após a primeira viagem missionária (At 14,19-15,4). A mesma referência de quatorze anos aparece em 2Cor 12,1-2, quando Paulo relata seu arrebatamento até o terceiro céu (era o mais alto). Se o Concílio aconteceu por volta do ano de 49, então esses quatorze anos se referem ao ano de 35 ou 36, data estimada do início do processo de sua conversão (MAZZAROLO, 2014, p. 336).

Depois de transcorridos quatorze anos, Paulo subiu novamente a Jerusalém. A grande maioria dos exegetas considera o ponto de partida para essa contagem a visão de sua conversão a caminho de Damasco. Conforme At 9,23-26, o retorno a Jerusalém teria ocorrido poucos dias ou poucas semanas após a visão de Damasco. Na informação que o próprio

⁴ O lexema “*kat’idian*” indica: de modo próprio, como convém ou de modo reservado. Significa que aos “notáveis”, chefes de Jerusalém, Paulo expõe outras coisas além daquelas que havia feito diante da Assembleia.

Apóstolo dá em Gl 1,17-18, o retorno teria ocorrido três anos depois, isto é, um tempo na Arábia e o retorno a Damasco antes de voltar a Jerusalém. Essa deve ter sido a terceira viagem a Jerusalém: a) a primeira foi a passagem de Damasco a Jerusalém (At 9,26-30; b) a segunda aconteceu quando a igreja da Antioquia manifestou sua solidariedade com os cristãos de Jerusalém e Paulo e Barnabé foram enviados para levar as doações (At 11,27-30; 12,25); c) a terceira (que aconteceria quatorze anos depois) coincide com a informação de Lucas nos Atos (At 15,2), por ocasião da Assembleia de Jerusalém⁵. De qualquer forma, essa viagem significou a celebração da quarta etapa na vocação do Apóstolo: 1ª. A morte de Estevão; 2ª. A visão de Damasco; 3ª. O silêncio ou “retiro” na Arábia e a 4ª. O tempo de pregação em Tarso, com a missão na Antioquia e a primeira viagem missionária (MAZZAROLO, 2014, p. 336). Portanto, a vocação de Paulo nasce com o impacto da morte de Estevão (At 7,55-60). É ali que ele faz um retorno à infância e reconhece que os gregos, que eram pagãos, não matavam por questões religiosas.

Estando em Jerusalém, diante dos “notáveis” ele precisa defender-se e defender o evangelho de Jesus Cristo. Paulo avança mais um passo na sua autodefesa e apresenta mais um argumento em torno de sua autoridade no Evangelho. Até agora justificou sua autonomia de apóstolo, afirmando que não dependeu de contatos ou legitimação dos apóstolos. Agora expressa sua autoridade que procede do reconhecimento de sua pregação por parte da igreja de Jerusalém. “Ele responde assim a outra insinuação dos seus adversários, os quais afirmavam, segundo toda a probabilidade, que havia uma incompatibilidade entre o seu Evangelho e o de Jerusalém” (VANHOYE, 2000, p. 53).

Guthrie (1984, p. 42) acredita ser mais fácil associar a referência da data dessa viagem (Gl 2,1-10) com At 11,27-30, por ocasião do envio, através de Saulo e Barnabé, da coleta em favor dos pobres da Judeia, do que com a subida para o Concílio (At 15,1ss). Essa opinião parece interessante, mas, está situada antes da primeira viagem missionária, e isso cria algumas dificuldades para a referência dos quatorze anos. As duas viagens cumprem objetivos diferentes: a) a primeira tem a finalidade de levar as contribuições para os pobres; b) a segunda era para colocar às claras as posições de Paulo e Barnabé no concernente ao evangelho aos gentios. Quando eles levam a coleta para Jerusalém o tempo deveria ser em torno de onze anos e não quatorze.

⁵ Conforme o texto dos Atos, a viagem para o primeiro Concílio dos apóstolos deve ser a terceira viagem para completar-se em os quatorze anos a partir de sua conversão.

Uma observação interessante é feita por Stott (1986, p. 40), quanto aos companheiros de viagem: Em Atos 11,30 viajam para Jerusalém Paulo e Barnabé, enquanto em Gl 2,3 viaja com eles Tito, que era grego. Essa indicação mostra que a subida para Jerusalém acontece depois da primeira viagem missionária.

As razões da viagem conciliar foram motivadas pela infiltração de *falsos irmãos* que exigiam a circuncisão para abraçar a fé cristã (2,4; At 15,1). Essa informação fecha com a de Lucas nos Atos, que mostra ser essa a mesma posição de alguns convertidos do judaísmo, os quais eram intransigentes quanto aos ritos religiosos dos antepassados e não abriam mão deles ao abraçar a fé cristã, ou mesmo estando na oposição CLAREAR, usavam esse argumento para condenação (At 15,5). A infiltração é sempre um ato perverso, pois ele se caracteriza pela dissimulação, assim como o lobo quando usa pele de ovelha. Esses falsos irmãos fingiam-se de irmãos verdadeiros e aproximavam-se de Paulo e companheiros para depois encaminhar denúncias e calúnias aos “notáveis” de Jerusalém.

A divergência entre o texto dos Atos dos Apóstolos e o de Gálatas é que, na explicitação de Paulo, ele expôs reservadamente suas posições aos “eminentes apóstolos” (Gl 2,2), enquanto em At 15,12, Paulo e Barnabé falam a toda a Assembleia. Ainda que, num determinado momento, Paulo e Barnabé possam expor suas razões da abolição da circuncisão aos pagãos, isso não impede que eles tenham colocado outras razões, mais específicas, de modo reservado, aos “notáveis” apóstolos. A expressão grega para “notáveis”??? É isso mesmo? é “*dokountes*”, que indica aparência: aqueles que “pareciam” ou aqueles que “parecem ser qualquer coisa” (2,6a).

A interferência dos “*falsos irmãos*” ameaçava todo o trabalho de Paulo na sua missão entre os gentios. Não se tratava apenas de discordâncias ideológicas ou pastorais, mas de perversidade, visto que queriam acusá-lo de dolo. A expressão “*katadoulôô*” (2,4) significa subjugar, reduzir à servidão ou escravidão. Quais seriam as intenções primárias de quem tem essa postura? Havia, de fato, má intenção e os seus protagonistas estavam revestidos de inveja e ódio contra Paulo. Ao falar à Assembleia, em Jerusalém, ele afirma estar receoso de ter “corrido em vão” ou “estar correndo inutilmente” (2,2), em virtude do “outro evangelho”, mesmo que este não existisse (1,6-10). Para os opositores, as prescrições mosaicas eram um primeiro passo para o Evangelho de Cristo, enquanto, para Paulo, o Evangelho não dependia de Moisés, mas

de Jesus. A conversão não se dava a Moisés, mas a Jesus, e, para tanto, fazia-se necessário colocar isso às claras, a fim de que os perturbadores encontrassem uma resposta definitiva da autoridade da época, ou seja, dos apóstolos de Jerusalém. Paulo e Barnabé expõem as razões do seu projeto missionário, de modo reservado, aos notáveis apóstolos (2,2) e, à Assembleia, falam das maravilhas que Deus operava por seu intermédio entre os gentios (At 15,12). Essas duas informações não geram conflitos, mas especificam as instâncias. A Assembleia precisava saber que Deus estava também entre os pagãos, enquanto os notáveis necessitavam reconhecer a superação dos arquétipos culturais diante do Evangelho.

No texto de At 15,2 é a comunidade da Antioquia que decide enviar a Jerusalém Paulo, Barnabé e alguns companheiros deles para a Assembleia. Entre esses companheiros segue Tito, um pagão incircunciso. Ele poderia ser um testemunho favorável à tese de que a circuncisão estava superada no ambiente cristão, contrariando a posição da igreja de Jerusalém. E se Deus fazia maravilhas entre os pagãos, qual seria a necessidade da circuncisão?

Na verdade, o texto de At 15,2 fala do conflito concernente à circuncisão/salvação ocasionado pela chegada de alguns irmãos da Judeia, enquanto Gl 2,2 afirma que Paulo foi expor o evangelho que recebera pela revelação. Vanhoye (2000, p.55) vê nisso uma diferença de objetivos e finalidades, mas, a meu ver essa posição não tem razão de ser. As razões são as mesmas: em At 15,2 são os da Judeia que chegam e em Gl 2,4 são os falsos irmãos que se infiltram querendo reduzir Paulo à escravidão. O Evangelho de Paulo é o Evangelho de Jesus Cristo que segue muito de perto o comportamento e a pedagogia de Cristo com relação ao jejum, lei e circuncisão:

a) Jesus não fez diferenças: 1. de *gênero* (as mulheres discípulas (Lc 8,1-3), as crianças, os mestres dentre os judeus, os fariseus e publicanos); 2. de *posição social* (Jesus se aproximava dos ricos, como Zaqueu, de uma viúva pobre de Naim, de um cobrador de impostos, como Mateus, de um chefe do povo, como Nicodemos); 3. de *cultura* (Jesus aproximou os gregos, os romanos, os judeus e os povos vizinhos);

b) Jesus não excluiu, nem afastou doentes, estrangeiros e pobres, mas, aproximou-se deles e aproximou-os dos seus discípulos;

c) Jesus não falou, nem legislou sobre a circuncisão, o jejum corporal, ritos e sacrifícios. Exigiu, sim, a conversão e a mudança de vida.

Paulo tinha como objetivos pastorais conquistar o mundo para Cristo, sem fazer distinção de judeu e grego; escravo e livre; homem e

mulher (Gl 3,28). Por isso, a circuncisão e todas as prescrições legalistas mosaicas precisavam dar lugar à verdade e à liberdade em Cristo (Gl 5,1).

O Evangelho ensinado por Paulo busca superar as divisões dentro e fora da comunidade (1Cor 1-4). Havia em quase todas as comunidades diferenças enormes entre os que eram gentios, antes do ingresso no cristianismo, e os que eram judeus. As distinções, privilégios e rupturas existentes na vida social, não raro, eram transportados para dentro da comunidade de fé (cf. 1Cor 11,17-34). As tensões entre ricos e pobres, circuncidados e incircuncisos, homens e mulheres revelavam ainda uma necessidade da conversão para Cristo, por isso Paulo reclama das confusões com os discípulos da Judeia (2,4-5) que queriam impor a circuncisão aos pagãos.

Paulo não quer a ruptura ou separação da igreja de Jerusalém, nem mesmo dos discípulos. Ao mesmo tempo em que almeja a liberdade para os pagãos, faz um grande esforço para organizar a coleta em prol dos pobres e dos santos que estão em Jerusalém (1Cor 16,1-4; 2Cor 8-9; Rm 15,25-28). Paulo e Barnabé foram inflexíveis em defender de modo imparcial a verdadeira forma de vida segundo o Evangelho e estavam decididos a não abrir mão da liberdade conquistada em Cristo. Por isso afirmaram: "... nem por um momento cedemos" (lit., em nenhuma hora - 2,5). Para tanto, o testemunho de Tito poderia ser útil para provar que a fé no Evangelho dispensava, ou não pressupunha, a circuncisão.

O acordo dos apóstolos e homologação da vocação/missão 2,6-10

*6*Quanto àqueles que pareciam ser notáveis – que tipo, pois, eram, não levei em consideração – Deus não toma em consideração a aparência do homem –, a mim, esses notáveis nada acrescentaram (comunicaram). *7*Ao contrário, vendo que a mim foi confiado o Evangelho da incircuncisão, assim como a Pedro o Evangelho da circuncisão, *8*pois aquele que operou em Pedro para o Evangelho da circuncisão operou em mim para os gentios. *9*E, cientes da graça que me fora dada, Tiago,*6*Cefas

⁶ “Tiago, o irmão do Senhor”. Segundo Vouga (ano, p. 82), a literatura cristã primitiva conhecia cinco personagens com o nome de Tiago: 1) Tiago, o irmão de João, filho de Zebedeu e discípulo de Jesus (Mc 1,19,29; 3,17;5,37;9,2;10.35.41; 13,3;At 1,13; 12,2); 2) Tiago, filho de Alfeu e discípulo de Jesus (Mc 3,18; At 1,13); 3)Tiago Menor (Mc 15,40; 16,1); 4) Tiago, pai do apóstolo Judas (Lc6,16; At1,13); 5) Tiago, o *irmão do Senhor* (Mc 6,3; 1Cor 15,7; Gl 1,19;2,9.12; At 12,17;15,13;21,18; Jd 1). Vouga afirma que, com toda a probabilidade, Tiago, o irmão do Senhor, não se uniu ao movimento de Jesus até depois das aparições do ressuscitado. Essa afirmação de Vouga a respeito de Tiago, irmão do Senhor, pode parecer estranha, mas isso deve ter ocorrido por causa da tradição judaica da herança. Tiago era um dos parentes mais próximos, com muita influência e autoridade no grupo de Jesus e, depois da ressurreição, decidiu assumir a liderança em Jerusalém, mas, com muito conservadorismo judaico.

e João, os notáveis que eram tidos como colunas, deram-nos a (mão) direita, a mim e a Barnabé, em sinal de comunhão, a fim de que nós fôssemos à gentildade e eles à circuncisão, ¹⁰*recomendando-nos, unicamente, que nos lembrássemos dos pobres, e isso procurei pessoalmente fazer.*(Gl ...)

O resultado da primeira assembleia é positivo. Se, de um lado, houve uma santa intransigência, do outro, houve compreensão. Os notáveis nada acrescentaram a Paulo e Barnabé, mas, compreenderam que o Evangelho aos gentios deveria ser mais aberto, afável e despido dos traços culturais do judaísmo.

A resistência de Paulo aos “falsos irmãos” (2,4; 2Cor 11,26), análoga aos “pseudoapóstolos” e “maus trabalhadores camuflados de apóstolos” (2Cor 11,13), era uma demonstração clara de que esses intrusos não tinham autoridade apostólica. Lucas revela que, mesmo na assembleia de Jerusalém, alguns cristãos oriundos dos fariseus haviam refutado a posição de Paulo e Barnabé, afirmando que era necessário circuncidar-se para ser discípulo de Jesus (At 15,5). Vanhoye (2000, p. 57) observa que Paulo não faz referência à oposição dos discípulos fariseus de Jerusalém, mas, sim à infiltração desses falsos irmãos que queriam espiar a liberdade que ele tinha na pregação do Evangelho (2,4).

Os judaizantes haviam estabelecido uma verdadeira inquisição contra Paulo e Barnabé. Não havia qualquer espírito fraterno ou cordial entre eles e o projeto de Paulo voltado para os pagãos. Na verdade, eles ainda cultivavam todo o espírito judaizante contra os não judeus. Eles não sabiam distinguir cultura de Evangelho, por isso pretendiam submeter os gentios à escravidão das estruturas mosaicas, enquanto Paulo e seus companheiros buscavam preservar os valores das culturas locais e nelas inserir a mensagem de Jesus.

No seu relato (2,6) Paulo dá pouca importância aos “notáveis”. Há certa ironia de Paulo com os que “tinham a aparência de notáveis”, pois eles nada acrescentaram, isto é, não tinham nada a ensinar a Paulo e Barnabé. Talvez tenham ficado estupefatos com os relatos de seu trabalho e êxito no mundo pagão. Se eles aparentavam doutos, isso não contava, pois Deus não olha no rosto de ninguém ou não dá atenção a aparências???(2,6; Dt 10,17; Sir 35,12-13; cf. Is 1,17). Com certeza, aqui, não era uma questão de aparência, mas, de aspecto social, de postura autoritária. Paulo não se considerava superior a ninguém, e quando teve que recorrer à sua biografia o fez por necessidade apologética. Dessa forma, quando se refere aos que tinham aparência de sábios ou superiores, faz com certa ojeriza. Diante de Deus não existem cargos, posições ou hierarquia.

O aperto de mão: de um lado, Paulo e Barnabé; do outro, Tiago, Cefas⁷ e João, tidos como “colunas” da hierarquia de Jerusalém teriam selado um compromisso de respeito bilateral na conclusão da Assembleia dos Apóstolos (por alguns, chamado o primeiro Concílio), em que respeitam a importância do trabalho do anúncio do Evangelho entre os pagãos e, também, legitimando de modo oficial a vocação de Paulo (At 15,22-29). Na verdade, os evangelhos sinóticos colocam uma carga diferencial sobre esses três: Tiago, Cefas e João. Eles são as testemunhas privilegiadas dos fatos mais importantes da vida de Jesus (na cura da filha do arquissinagogo Jairo, Mc 5,21-37; na transfiguração, Mc 9,2; no Getsêmani, Mc 14,33). Não há dúvidas de que o início da igreja de Jerusalém foi conduzido por Cefas e os dois filhos de Zebedeu; no entanto, Tiago foi encarcerado e decapitado por Herodes Agripa, provavelmente, antes da data da Assembleia de Jerusalém (At 12,2). Alguns estudiosos da história do cristianismo primitivo acreditam que no mesmo episódio tenha também sido decapitado João, irmão de Tiago, visto que os calendários litúrgicos primitivos celebravam Tiago e João, mártires, na mesma data⁸. Fung (ano, p. 97), em nota, coloca a ordem das “três colunas” segundo a ordem das epístolas, no cânon católico do Novo Testamento (Tiago, Pedro e João)⁹. A discussão pode ser relevante, mas, seria preciso saber se esse aperto de mão foi exatamente na Assembleia ou em algum outro encontro anterior.

Se esse acordo foi estabelecido em épocas anteriores ao primeiro Concílio da igreja, Paulo tinha toda a razão de não ceder em um só momento, pois qualquer atitude contrária seria tratada como ruptura do pacto e rebeldia. Assim, os que descessem, depois desse aperto de mão bilateral, da Judeia para a Antioquia e a Galácia não possuiriam credenciais das “colunas da igreja” para incriminar Paulo e Barnabé. A circuncisão aos pagãos fora abolida e não haveria mais razão para exigí-la, nem qualquer outro aspecto dos costumes mosaicos relativos às práticas dos judeus.

A bem da verdade, o Evangelho de Paulo e o Evangelho de Pedro não significavam posições antitéticas, mas relativas. A essência era a mesma, mas o Evangelho dos circuncisos estava permeado por ele-

⁷ VANHOYE, ano, p. 60, observa que Paulo usa normalmente o nome Cefas, como aqui em 2,9 (cf. 1Cor 1,12; 3,22; 9,5; 15,5; Gl 1,18; 2,9.11.14). As únicas três vezes que usa o nome grego “Petros” é em Gl 2,7-8.11.

⁸ Cf. MAZZAROLO (ano, p.22-23), citando M-É. Boismard (1996, p. 9).

⁹ FUNG (ano, p. 97, nota 68), citando Bruce (ano, p. 121).

mentos culturais e tradicionais que não configuravam propriamente o ensinamento de Jesus. Paulo tolera, mas não aceita de bom grado essa mescla de cultura semita com Evangelho, por isso é radical na defesa da liberdade em Cristo (5,1). Paulo entendia, com muita propriedade e clareza, o sentido do Sermão da Montanha de Jesus: “Ouvistes o que foi dito aos antigos...? Eu, porém, vos digo...” (Mt 5,21-48). É por isso que Paulo afirma que os “notáveis” nada lhe acrescentaram.

Na conclusão do acordo apenas uma recomendação: lembrar-se dos pobres (2,10). Havia muitos pobres no contexto do império romano, mas, os destinatários dessa recomendação eram os cristãos de Jerusalém. Alguns exegetas afirmam que por ocasião do Concílio a Palestina estava imersa em uma grande carestia, mas, podemos afirmar que os cristãos dessa região já sofriam necessidades muito tempo antes.

A fome entre os cristãos da Palestina é relatada por Lucas nos Atos (At 11,27-30). Saulo e Barnabé são os enviados da igreja da Antioquia para levar a coleta dessa igreja aos irmãos necessitados de Jerusalém. Essa preocupação material com os irmãos de Jerusalém era muito sensível para Paulo. Paulo deve ter organizado uma segunda coleta nas igrejas da Galácia, como exemplifica ao escrever aos Coríntios (1Cor 16,1). Ele teria organizado a terceira coleta na Macedônia e na Acaia (2Cor 8-9; At 24,17; Rm 15,26-28). Paulo tinha clareza teológica e administrativa. Como sempre soube trabalhar com as próprias mãos, sabia e conhecia o que era estar em necessidade. Ele distinguia as necessidades e as soluções: problemas materiais não se resolviam com boas intenções ou sugestões, mas, com dinheiro; problemas espirituais não se resolviam com dinheiro, mas com oração e fé.

Conclusões

Desentendimento e entendimento: esta períclope nos revela algo muito importante ocorrido nos primórdios do cristianismo. Duas posições teológicas distintas, encontros e desencontros, mas, a conclusão é o entendimento. Paulo tolera que Pedro evangelize os circuncisos de modo conservador, mas, requer a liberdade de continuar pregando de modo distinto aos pagãos.

Unidade e diversidade: Um só Cristo e um só Evangelho, mas, duas eclesiologias. A pluralidade não significava ruptura, mas adequação. O Evangelho cabe em culturas, mentalidades e pessoas diferentes, mas, nele não cabe a discórdia, a escravidão, o ódio ou a imposição. A cultura

não pode prevalecer diante do Evangelho. Unidade e uniformidade não são mesmas coisas. O centro da mensagem evangélica não é a cabeça de quem está mandando, nem o fuxico de quem está frustrado, mas, o centro está no próprio Cristo, e em Cristo há um só Evangelho (1,6-10).

Vocação por contágio e vocação por revelação: A vocação dos apóstolos aconteceu por contágio, chamado direto e pessoal e, eles por sua vez, foram chamando outros, também de modo direto. Esse é um tipo de vocação explícita que, ao ser aceito o chamado, o vocacionado tem sua missão homologada e legitimada pelo grupo. A vocação de Paulo aconteceu por revelação. Essa está no gênero da visão, inspiração ou da manifestação que ocorre de modo muito restrito e personalizado. Não raro, esse tipo de vocação é criticado por ter um caráter intimista e suspeito. Os discípulos de Jerusalém, bastante racionalistas, tinham dificuldades de acreditar no que viam e ouviam: a mudança tão radical a partir de uma visão celeste. Por isso Paulo teve que arcar com muito sofrimento e dor a fim de ter sua vocação legitimada pela autoridade da época.

Referências

- FUNG, R. **The Epistle to the Galatians**. Michigan: Eerdmans Publishing Company, 1986.
- GUTHRIE, D. **Gálatas, introdução e comentário**. São Paulo: Vida Nova, 1984.
- MATERA, F. J. **Galatians**. Minnesota: The Liturgical Press, 1992.
- MAZZAROLO, Isidoro. **Atos dos Apóstolos ou Evangelho do Espírito Santo**. Rio de Janeiro: Mazzarolo Editor, 2014.
- _____. **O Apóstolo Paulo, o grego, o judeu e o cristão**. Rio de Janeiro: Mazzarolo Editor, 2011.
- _____. **Carta de Paulo aos Gálatas: da libertação da Lei à filiação em Jesus Cristo**. Rio de Janeiro: Mazzarolo Editor, 2013.
- MURPHY-O'CONNOR, J. **Antropologia Pastoral de Paulo – tornar-se humanos juntos**. São Paulo: Paulus, 2007.
- _____. **Jesus e Paulo, Vidas paralelas**. São Paulo: Paulinas, 2009.
- NÚÑEZ REGODÓN, J., **El Evangelio en Antioquía, Gál 2,15-21 entre incidente antioqueno y la crisis gálata**. Salamanca: Universidad Pontificia de Salamanca, 2002
- STOTT, J. R. W. **The Message of Galatians**. Illionis: Inter Varsity Press, 1986.

VANHOYE, A. **Lettera ai Galati, nuova versione, introduzione e commento.**

Roma: Paoline, 2000.

VOUGA, F. **Los primeiros passos del Cristianismo.** Navarra: Editorial Verbo

Divino, 2011.